

## O CINEASTA

Nos degraus da igreja antiga, capuz cobrindo a cabeça, o cineasta bebe um vinho claro, espraia os olhos pelo arraial.

As raparigas passeiam e riem-se. Outros dormem à sombra das árvores. A aldeia é pequena. Vendem-se alhos, pimentos, sorrisos. À beira água, uma donzela penteia-se, os cavalos bebem, um anão chapinha. Cabras, ovelhas, joanas por toda a parte.

O cineasta sorri. Por entre as ruínas observa o rosto das donzelas, a postura dos estropiados, as manigâncias dos pedintes, os sorrisos comerciantes.

## CASOS DE VIDA E DE MORTE

Pobre Mateus! Que mania a dele de ir tomar banhos de sol para os rochedos durante a maré alta.

Mas que cisma a do Inácio: atravessar todas as pontes que lhe apareciam pela frente. Logo a última, naquela tarde de vento ciclónico, havia de ser a de D. Luiz, entre o Porto e Gaia.

Que saudades tinha o Sousa de andar de eléctrico. Nessa tarde de Verão e de turistas, perdeu a última oportunidade de matar saudades. Atravessou os carris para apanhar o eléctrico e a fazer sinal de paragem ao guarda-freio. Desequilíbrio-se quando o veículo acabara de arrancar.

Tomé não teve tempo de ver, muito menos para crer – pois dormia profundamente a sesta, no jardimzinho da casa de praia, a digerir o bem regado cozido do almoço. Foi na tarde em que se deu o tsunami.

A seguir ao jantar, Danúncio mandou servir um cálice de aguardente velha e acendeu um havano. Teve tempo para inalar, com delícia, o perfume da bebida e do tabaco. Depois, as luzes apagaram-se-lhe. Para todo o sempre.

O Prata e aquela obsessão pelos metais preciosos! Ainda para mais, um acumulador. Ele eram pulseiras, anéis, brincos, fios e colares, ele eram arrecadas, tiaras, libras, alfinetes de peito, botões-de-punho, relógios, um não acabar de peças de ouro e de prata, e algumas poucas de platina. Tudo aferrolhado em cofres, guarda-jóias, arcas, gavetas e gavetões, cómodas e armários e até nos móveis da cozinha do seu apartamento, que ficava no terceiro andar de um decrépito casarão setecentista. Até chegar o dia em que a madeira do sobrado, apodrecida e roída pelo caruncho, cedeu. E tudo desabou pesadamente no piso inferior: o Prata mais os móveis, os baús e as caixas, a abarrotar de peças de metal. Quando os bombeiros chegaram, encontraram-no de boca aberta e olhos baços, fixos no buraco do tecto, sob um enorme guarda-fatos dos antigos atulhado de guarda-jóias. Pela janela do andar onde caíra, entrava o sol do início da tarde e um raio de sol, incidindo na boca, fazia brilhar três coroas de

ouro do defunto: a dum canino e as duns pré-molares superiores.

Acúrcio não conseguia resistir a uma travessa de rojões à moda do Minho uma vez por semana. Nesse dia, ainda fez o pedido no restaurante do costume, serviu-se da travessa para o prato, mas não chegou a levar à boca a garfada inaugural.

A dívida de Joca era já considerável. Mesmo assim, insistia em atravessar o Bairro das Piranhas no seu carro de jantes modificadas e escape-aberto. Nessa noite, não chegou ao outro lado.

O Correia e a sua velha mania de trepar às árvores! Era coisa que lhe ficara da infância. Mas aquele plátano era alto de mais. Ele próprio o terá comprovado, quando o ramo em que apoiara os pés se quebrou.

O bom do Simas! Que paixão a dele pelo Futebol Clube do Porto e pelo S. João. O caldo verde, adubado com azeite e com a chouriça, descera em escassos minutos. A travessa das sardinhas esvaziou-a vorazmente. Os pimentos assados tiveram o mesmo destino. A «fartura» da sobremesa, porém, ficou-se-lhe vacilante entre os gordos dedos

engordurados, no exacto momento em que a luz dos olhos se lhe apagou. Tinha começado o fogo de artifício na velha Ponte de D. Luiz.

Não havia quem fizesse o Sandro desistir da pesca, no barquito. Até ao dia em que uma rajada mais forte do vento desviou para as suas carótidas a linha e o anzol dum amigo, durante um lançamento.

Que ritual o do Licínio, de subir a todas as torres para contemplar as paisagens e aproveitando para comer uma sandes de presunto. Na última torre, não chegou a recompor-se do gasto de energia provocado pela subida: uma gaivota levou-lhe a sandes que ele desgraçadamente não quis largar.

Ninguém demovia o Domingos da caça submarina. Jamais imaginaria que os efeitos das alterações do clima desviassem até à sua velha praia algarvia aquele enorme tubarão, a quem bastou abrir a grande boca.

Nem a caminhar na rua, o Ilídio desviava os olhos do ecrã do telemóvel. Acabou caindo num buraco de saneamento aberto, sem que algum dos funcionários tivesse tempo de colocar o aviso de

obras e de se aperceber do drama. Eram dias de fortes chuvadas e enxurradas. Acabaram por encontrar o cadáver já na ETAR.

Muito embriagado, vencida a noite, que fora tremenda, o Armindo terminou a dormir num contentor de lixo orgânico. Nem os cantoneiros da limpeza deram por ele, ao ser despejado para dentro dum camião compactador de resíduos durante a madrugada. Na verdade, nunca mais foi visto. Deram-no como desaparecido.

Ao Justino não chegaram setenta anos para ler todos os milhares de livros que fora adquirindo ao longo da vida. Com a queda de uma das estantes maiores sobre o seu corpo, o problema encontrou enfim solução. Na biblioteca da eternidade, dispõe agora de todo o tempo imaginável para ler.

Quarenta anos a trabalhar para a reforma, e a comunicação oficial finalmente chegara-lhe à caixa do correio. Pobre Rufino! Nesse dia ainda partilhou a última ceia, mas já não saboreou a sobremesa.

Luciano sempre ostentara uma trunfa loira e uma grossa barba, dourada também. Havia na sua cabeça,

no seu rosto de olhos claros qualquer coisa de leonino e de solar. «Parece um candeeiro aceso», comentava quem o conhecia. Além do mais, a carreira de electricista apaixonara-o. Mais tarde, a formatura em engenharia electrotécnica, como estudante-trabalhador, consagrara-o junto dos amigos como o «homem eléctrico». Os seus préstimos eram por isso requisitados, a toda a hora, por gente necessitada de reparações urgentes em instalações domésticas, às vezes tão degradadas que Deus nos livre... Foi por isso com geral consternação que, no bairro, se soube que lá se finara, a fazer mais um jeito em casa de pessoa amiga, com as mãos agarradas a um quadro eléctrico que, segundo os vizinhos do lado, se encontrava em situação «muiiiito complicada e perigosa».

Jacinto tanto vasculhou os céus com os olhos, naquela tarde tórrida de 13 de Maio, na Cova da Iria, que a aparição da hérnia discal se tornou realidade e se instalou na sua coluna para todo o sempre.

Ninguém imaginaria que a viagem em balão terminasse daquela maneira, com um drone, surgido repentinamente, a rasgar por completo o nylon. Muito menos contava com aquilo o Cardoso, que a organizara e a dirigia com fins turísticos.

O Cunha e aquela mania de meter cunhas a torto e a direito, para primos e sobrinhos. Não imaginava era que o administrador do banco, a quem nessa tarde pediu um favorzinho para a sua própria pessoa, pertencesse à Cosa Nostra.

– Aonde irá o Otílio com aquela pressa toda, tão metido em si e tão agarrado à beata que nem repara nos amigos? – perguntavam-se três deles, sentados no banco do jardim público, ao vê-lo passar.

A pergunta quedaria sem resposta. E era inútil. Pois o Otílio nem para o semáforo olhou. Atravesou no vermelho, no preciso momento em que o autocarro de dois andares ia a passar.

O Rolando e a sua funesta paixão por carros de desporto. Tudo corria bem até ao dia em que insistiu em ir experimentar o novo Porsche para as curvas do Mónaco.

Ao Silveira alguém conseguia tirar da cabeça a ideia de trabalhar como engenheiro silvicultor em floresta tropical? Pois sim. Até àquela tarde em que, exausto do trabalho, resolveu fechar os olhos e pousar a cabeça, por meia hora, no colo de uma frondosa planta – que só mais tarde viria a verificar-se ser carnívora.



Numa vincada expressão da sua palidez e magreza, de cabelos escorridos e grossas lentes nos óculos, o velho Coval, que sempre amara os livros, observava as estantes da sua biblioteca e meditava gravemente: «Na literatura portuguesa, há títulos que apetecem: *O noivado do sepulcro*, de Soares de Passos, *A caveira da mártir*, *O sarcófago de Inês* e *O esqueleto*, de Camilo Castelo Branco, *Ossadas*, de Afonso Duarte, *A peste no seu esplendor*, de José Viale Moutinho, *Que túmulo em que talhão*, de João Moita...»

# Índice

5	O CINEASTA
6	CASOS DE VIDA E DE MORTE
14	MEMÓRIA DE ELIZABETH TAYLOR
15	BARCELONA – GAUDÍ, CASA BATLLÓ
16	TEMPOS LIVRES
17	O HOMEM QUE QUERIA CONHECER O MUNDO
19	O ININTELIGÍVEL
20	SENSATEZ
21	MEMÓRIA DE DRUMMOND
22	POETA
23	VERTIGEM
24	A VOZ
25	O PRÍNCIPE
26	DA LIBERDADE
28	O REI E O ÍNDIO
29	DECESSOS
30	MONÓLOGO OFTALMOLÓGICO
31	O ESPÍRITO LIVRE
32	A GRANDE PERSONAGEM
33	O BAPTISMO
34	O DECAPITADOR
35	JANELA DE OPORTUNIDADES
36	O CURTO-CIRCUITO
38	MOMENTO
39	TOQUE DE TELEMÓVEL

40	APÓLOGO (I)
42	APÓLOGO (II)
45	APÓLOGO (III)
46	O ANULADO
48	SUPORTE DE VIDA
49	A SELVA
51	HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL EM 3 MINUTOS
54	A PLANTÓFAGA
55	PERSONAGEM: O DE BOA MEMÓRIA
56	PERSONAGEM: O EDUCADOR SOCIAL
57	ÁLVARO
59	STUTTGART
60	JOÃO, O LEITOR E O FEIJOEIRO MÁGICO
62	O PEIXE VERMELHO, O TRACTOR LUNAR E A LARANJA AZUL
63	O HOMEM QUE TINHA PERDIDO A LÍNGUA
68	GATO E MELRO
69	A NATUREZA VENCEU
70	O TRAGA-CORPOS
71	A VACA À BEIRA DA ESTRADA
72	PRETÉRITO QUASE PERFEITO
74	O SONHO REALIZADO
75	OS MENINOS AFOGADOS
76	A BIBLIOTECA CONTAMINADA
77	AS OBRAS COMPLETAS
81	O PAÍS SEM GOVERNO
82	A ALTA INDIVIDUALIDADE
83	BIOGRAFIA
85	IDEIA PARA UM LIVRO
88	A CROMAGEM
89	DESISTO?
90	O LIVRO